

Um Manifesto pelo Progresso Social  
Ideias para Uma Sociedade Melhor



Marc Fleubaey, Olivier Bouin, Marie-Laure Salles-Djelic, Ravi Kanbur,  
Helga Nowotny e Elisa Reis (organizadores)

# UM MANIFESTO PELO PROGRESSO SOCIAL

IDEIAS PARA UMA SOCIEDADE MELHOR



LISBOA, 2020

Título original: *A Manifesto for Social Progress. Ideas for a Better Society*  
© 2018, Marc Fleubaey, Olivier Bouin, Marie-Laure Salles-Djelic, Ravi Kanbur, Helga Nowotny e  
Elisa Reis (eds.), 2020

Marc Fleubaey, Olivier Bouin, Marie-Laure Salles-Djelic, Ravi Kanbur, Helga Nowotny e Elisa Reis  
(organizadores)

**Um Manifesto pelo Progresso Social. Ideias para Uma Sociedade Melhor**

Primeira edição portuguesa: Fevereiro de 2020

Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-71-6

ISBN da edição original: 978-1-108-34412-8 Online

978-1-108-42478-3 Hardback

978-1-108-44092-9 Paperback, Cambridge University Press, Nova Iorque

DOI: <https://doi.org/10.1017/9781108344128>

Depósito legal:

Tradução do inglês: Caterina Foà

Revisão científica: Gustavo Cardoso

Apoio à edição: Fundação Calouste Gulbenkian

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Lina Cardoso

Imagem da capa: "Crise", Sara Maia, 2012

Revisão de texto: Ana Valentim

Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,  
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

**Editora Mundos Sociais**, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: [editora.cies@iscte-iul.pt](mailto:editora.cies@iscte-iul.pt)

Site: <http://mundossociais.com>

## Índice

Índice de figuras e quadros .....	vii
Agradecimentos .....	xi
Prefácio de Amartya Sen.....	xiii
Prefácio à edição portuguesa de Gustavo Cardoso.....	xvii
Introdução. O futuro está nas nossas mãos .....	1
<b>Parte I   Muitas fontes de preocupação, razões de esperança</b>	
1 Sucessos globais e catástrofes iminentes .....	15
2 Globalização e tecnologia: escolhas e contingências .....	33
3 O círculo crescente de respeito e dignidade .....	51
4 O grande desafio.....	67
<b>Parte II   Ação pelo progresso social</b>	
5 Em busca de uma nova terceira via.....	85
6 Reformar o capitalismo .....	99
7 Do Estado social ao Estado emancipador.....	113
8 Da <i>polarítica</i> à política .....	129
Conclusão. Mobilizando os empreendedores da mudança .....	143
Referências bibliográficas .....	157



## Índice de figuras e quadros

### Figuras

1.1	Mil anos de crescimento económico global .....	17
1.2	Três décadas de redução da pobreza .....	18
1.3	Meio século de indicadores sociais .....	19
1.4	Descolonização e democracia.....	20
1.5	Pobreza na África Subariana.....	22
1.6	Curva de incidência de crescimento global (1988-2008).....	23
1.7	Seis décadas de envelhecimento no mundo .....	24
1.8	Degradação ambiental.....	25
1.9	Emissões de gases com efeito de estufa e mudança de temperatura global ao longo do século.....	26
1.10	Migrantes internacionais (pessoas que vivem fora do país de nascimento, em percentagem da população mundial).....	27
1.11	Conflitos por intensidade (1946-2016) .....	27
1.12	Ataques terroristas em todo o mundo (1970-2015).....	28
1.13	Lacunas absolutas e relativas entre países .....	29
2.1	Comércio mundial em percentagem do PIB.....	35
2.2	Investimento direto estrangeiro (IDE) mundial – fluxos em percentagem do PIB .....	35
2.3	Taxas alfandegárias .....	36
2.4	Índice de liberalização do capital .....	36
2.5	Passageiros do transporte aéreo mundial .....	37
2.6	Subscritores de <i>internet</i> em percentagem da população mundial .....	38
2.7	Assinaturas de contas de telefone móvel (por 100 pessoas) .....	38
2.8	Estimativa do <i>stock</i> operacional mundial de robôs industriais (com projeção para 2017-2020) .....	39
2.9	Peso do trabalho em percentagem do PIB e intensidade do trabalho....	40
2.10	Desrotinização de empregos nas economias desenvolvidas (1993-2006) .....	41

2.11	Crescimento do emprego em todos os quintis de trabalho pago durante expansões e recessões, EUA (1963-2016) .....	41
3.1	Áreas protegidas em todo o mundo (em km <sup>2</sup> ) .....	54
3.2	Número de ONG com estatuto consultivo junto do Conselho Económico e Social da ONU .....	56
3.3	Atitudes perante a desigualdade de rendimento ao nível mundial .....	57
3.4	Atitudes sobre a homossexualidade .....	59
3.5	Atitudes em relação aos papéis de género .....	60
4.1	Emissões de CO <sub>2</sub> no mundo .....	69
4.2	Distribuição do rendimento no mundo .....	70
4.3	PIB <i>per capita</i> no mundo (1950-2010; projeção para 2050) .....	71
4.4	Consumo de energia em diferentes níveis de desenvolvimento .....	75
4.5	Consumo de energia e PIB em 1960 e nos últimos anos .....	75
4.6	Emissões por regiões do mundo .....	76
4.7	Projeções demográficas ao nível mundial .....	78
5.1	Roubo de salário <i>versus</i> assaltos nos EUA .....	87
5.2	Categorias de emprego na Europa (1995-2010) .....	92
6.1	Evolução das taxas de imposto sobre o rendimento das pessoas coletivas (2003-2017) .....	105
6.2	Participação pura nos lucros do setor empresarial não financeiro dos EUA (1984-2014) .....	106
6.3	A ascensão dos super-ricos nos Estados Unidos .....	107
7.1	Redução da desigualdade através de impostos e transferências (2013-2014) .....	116
7.2	Receitas e despesas do governo federal dos EUA em percentagem do PIB (1950-2015) e previsão para 2016-2021 .....	116
7.3	Despesa social pública na OCDE em percentagem do PIB (1980-2016) .....	117
7.4	Custo decrescente da sequenciação de ADN .....	120
7.5	Dívida pública nos países do G7, em percentagem do PIB .....	121
7.6	Despesa líquida total na OCDE em percentagem do PIB (2013) .....	122
7.7	PIB <i>per capita</i> (1960-2011) em comparação com os EUA e o Reino Unido no início das reformas da segurança social .....	123
7.8	Despesas públicas e privadas em saúde em percentagem do PIB (2015) .....	123
7.9	População acima da idade da reforma que recebe uma pensão (%) .....	124
7.10	A curva de Grande Gatsby — mais desigualdade associada a menor mobilidade social .....	127
8.1	Desgaste do apoio às instituições democráticas nas gerações mais jovens .....	134
8.2	Diminuição da confiança nas instituições europeias .....	146

**Quadros**

4.1	Apoio à igualdade e à democracia (em %)	74
5.1	Emprego cooperativo e filiação ao nível mundial	89
8.1	Preferências políticas dos americanos ricos <i>versus</i> preferências políticas do público em geral (em %)	140
8.2	Votos e resultados eleitorais nos EUA (em %)	144



## Agradecimentos

Muitas pessoas colaboraram no processo de elaboração deste livro e merecem um agradecimento especial. Damien Capelle, Brian Jabarian e Flora Vourch muito ajudaram na investigação. Ottmar Edenhofer forneceu conselhos muito úteis sobre a tributação do carbono e dos rendimentos. Foram generosamente fornecidos comentários em vários estágios de preparação do texto por Nico Cloete, David de la Croix, Fernando Filgueira, Nancy Folbre, Jeff Hearn, Nora Lustig, Wolfgang Lutz, Anne Monier, Fabian Muniesa, Gian Paolo Rossini, Saskia Sassen, Erik Schokkaert, Simon Schwarzman, Noah Scovronick, Greg Shaffer, Christiane Spiel, Alexander Stingl, Lorraine Talbot, Peter Wallensteen, Finn Wölm e três revisores anónimos. As instituições que apoiaram todo o projeto IPSP merecem também o nosso reconhecimento, em especial, entre mais de trinta, o Center for Human Values da Universidade de Princeton, o Collège d'Études Mondiales (FMSH, Paris) e o Institute for Futures Studies (Estocolmo). Por último, mas não menos importante, o apoio da equipa de imprensa da Universidade de Cambridge (em particular, de Karen Maloney, Stephen Acerra e Kristina Deusch) foi imenso para levar a cabo este projeto em conjunto com o relatório mais detalhado.



## **Prefácio**

*Amartya Sen*

As últimas décadas assistiram a um declínio da pobreza mundial e a uma extensão da democracia em muitos países do mundo. Muitas pessoas têm a sensação de que este foi também um período de retrocessos sociais, e há uma atmosfera geral de ceticismo quanto à possibilidade de um progresso social substancial a longo prazo, para não falar de uma transformação mais profunda que anule as injustiças sociais prevalentes. A maioria dos intelectuais evita não só o pensamento utópico, mas também qualquer análise prospectiva a longo prazo das estruturas sociais.

A crise da social-democracia após o colapso do Império Soviético parece ter gerado, no Ocidente, um declínio de esperança para uma sociedade justa, assim como as condições de vida de centenas de milhões de pessoas nas economias emergentes melhoraram drasticamente. Esses países, no entanto, também abandonaram a busca por um caminho diferente para o desenvolvimento: têm a tendência agora de imitar os países desenvolvidos, em vez de inventar um novo modelo, mas as dificuldades sociais que lembram a fase inicial do capitalismo ocidental permanecem.

No entanto, nem o colapso das ilusões nem a explosão do capitalismo nos países em desenvolvimento devem significar o fim da busca por justiça. Dada a sua competência especial, os cientistas sociais devem pensar sobre a transformação da sociedade, juntamente com os estudiosos das humanidades e das ciências exatas. Se a esperança de progresso é possível, eles devem fornecê-la — se não for possível, eles devem explicar o porquê.

Paradoxalmente, os cientistas sociais nunca estiveram tão bem equipados para assumir tal responsabilidade, graças ao desenvolvimento de todas as disciplinas relevantes desde a Segunda Guerra Mundial. Mas a expansão das disciplinas, a crescente especialização e a globalização da produção acadêmica tornaram impossível, até mesmo para a mente mais brilhante, compreender, por si só, a complexidade dos mecanismos sociais e fazer propostas sérias para mudanças nas instituições e estruturas sociais. Tal tarefa deve agora ser coletiva e interdisciplinar.

## O Painel Internacional sobre Progresso Social

O IPSP — Internacional Panel on Social Progress (Painel Internacional sobre Progresso Social) foi desenvolvido para levar a cabo essa tarefa.<sup>1</sup> Reuniu mais de 300 académicos de todas as disciplinas, perspetivas e regiões relevantes do mundo dispostos e capazes de se envolver num verdadeiro diálogo interdisciplinar sobre as principais dimensões do progresso social. Apoiando-se em estudos de ponta, esses cientistas sociais reviram a conveniência e a possibilidade de todas as formas relevantes de mudança social de longo prazo, exploraram os desafios atuais e sintetizaram os seus conhecimentos sobre os princípios, possibilidades e métodos para melhorar as principais instituições das sociedades modernas.

O painel é um esforço verdadeiramente colaborativo, tanto na sua organização, como no seu financiamento multifontes. O IPSP procura trabalhar de uma forma que seja fiel aos valores e princípios fundamentais subjacentes à sua missão: bem-estar e liberdade, segurança e solidariedade, bem como pluralismo e tolerância, justiça e equidade distributivas, proteção ambiental, transparência e democracia.<sup>2</sup>

O grupo produziu um importante relatório de três volumes — *Repensar a Sociedade para o Século XXI* — o qual abrange as principais dimensões socioeconómicas, políticas e culturais do progresso social e explora os valores, as oportunidades e as limitações que sustentam o conhecimento de ponta sobre possíveis melhorias nas instituições e políticas. O relatório abrange questões globais e regionais e considera o futuro de diferentes partes do mundo, a diversidade de desafios e a sua interação.

Todos os capítulos do relatório do IPSP focam um conjunto particular de questões a partir da dupla perspetiva de fornecer visões sobre 1) quais são atualmente os principais riscos e desafios e 2) como as instituições e políticas podem ser melhoradas para combater as pragas da desigualdade, da segregação, da intolerância, da exclusão e da violência. O relatório completo do IPSP está disponível em [www.ipsp.org/downloads](http://www.ipsp.org/downloads). O índice completo de conteúdos e autores pode ser encontrado no anexo a este livro.

## O propósito deste livro

Este livro foi escrito para um público mais amplo com o objetivo de partilhar a mensagem de esperança do relatório do IPSP: *uma sociedade melhor é de facto possível, os seus contornos podem ser amplamente descritos e tudo o que precisamos é de reunir forças para realizar essa visão*. Embora se baseie em grande parte no relatório, é uma obra complementar e oferece a sua própria perspetiva original numa análise coerente. Não pretende resumir o relatório com toda a sua riqueza de tópicos e não pretende refletir toda a diversidade de opiniões dos membros do IPSP. É um convite para

---

1 <https://www.ipsp.org/>.

2 Uma discussão detalhada dos valores e princípios do progresso social é apresentada em IPSP (2018, capítulo 2).

levar essas questões a sério e para as explorar mais aprofundadamente com a ajuda do relatório completo.

A equipa que escreveu este livro esteve no centro do trabalho do IPSP e é composta por académicos que estão empenhados na investigação científica e em fazer com que as ciências sociais sirvam o bem comum:

- Olivier Bouin, secretário-geral da Rede Europeia de Institutos de Estudos Avançados, antigo diretor do Collège d'Études Mondiales (FMSH, Paris)
- Marie-Laure Salles-Djelic, professora e codiretora da Escola Superior de Gestão, Sciences-Po, Paris
- Marc Fleurbaey, professor R.E. Kuenne de Economia e Estudos Humanísticos, Universidade de Princeton, e membro do Collège d'Études Mondiales (FMSH, Paris)
- Ravi Kanbur, T.H. Lee professor de Assuntos Mundiais, professor internacional de Economia Aplicada e professor de Economia na Universidade de Cornell
- Helga Nowotny, professora emérita de Estudos de Ciência e Tecnologia, ETH Zurique e ex-presidente do Conselho Europeu de Investigação
- Elisa Reis, professora de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Os leitores são convidados a acompanhar o trabalho e assistir aos vídeos e eventos públicos do IPSP. Toda a informação está disponível em [www.ipsp.org](http://www.ipsp.org) e nos canais YouTube, Facebook e Twitter.



## Prefácio à edição portuguesa

Para que serve a ciência e, em particular, as ciências sociais? Se olharmos para as práticas consagradas em muitas instituições universitárias portuguesas, poderíamos ser tentados a responder: para preparar os futuros trabalhadores dos nossos mercados de trabalho.

No entanto, se tal resposta fosse verdadeira, estaríamos a descrever o lento, mas inexorável, fim da universidade, da investigação e do ensino. Porquê? Porque, simplesmente, preparar alguém para algo que já existe não permite antecipar o que vai ser preciso dentro de dez anos e preparar o futuro inovando de todas as formas, como só a universidade sabe fazer. A universidade é a única entidade capaz de produzir ciência e que, simultaneamente, pode identificar problemas e, como tal, ser capaz de criar soluções para eles. Sem problemas não existe progresso. Porque sem identificar problemas nunca existirão soluções.

Para que serve, então, a ciência e, em particular, as ciências sociais? A resposta é simples e direta: servem para fazer progredir o mundo através da criação e inovação.

O ponto central é o de que, embora tenhamos percorrido um longo caminho na direção certa, estamos a viver tempos particularmente preocupantes e temos de mudar, quer de protagonistas, quer de formas de pensar para os poder ultrapassar.

Cresci vendo Portugal melhorar na saúde, na educação, no PIB e vendo o futuro com otimismo para as novas gerações saídas das universidades, com emprego, vidas e salários cada vez melhores — uma tendência vivida até à crise de 2008 e só recuperada depois a partir de 2015.

Com o massacre de Santa Cruz em Díli e anos mais tarde com o referendo em Timor-Leste, aprendi que a mobilização nas ruas e a utilização da *internet* nos permitia sermos ouvidos e mudar algo. Imaginámos, agimos e conseguimos com a CNN, a *internet* e até com um camião com uma tela gigante passando cenas do massacre de Santa Cruz, aquando da assinatura do tratado de Maastricht, domesticar a comunicação ao serviço da nossa ideia de justiça.

Aprendi que entupir os servidores de *e-mails* e faxes das representações dos membros permanentes do conselho de segurança da ONU, tendo o apoio de meios

de comunicação social, empresas de telecomunicações e do setor bancário resultava e era possível em Portugal.

Ainda estudante universitário, descobri que poucos podem mudar algo, quando nos opusemos primeiro às propinas no ensino superior e depois a tudo o que atrás disso surgiu nas décadas seguintes em opções políticas cinzentas, personagens públicas cinzentas e que alguns anos mais tarde na finança, na política e em outras atividades, igualmente cinzentas, acabaram por comprometer muito do que havíamos e poderíamos, entretanto, ter conseguido em Portugal.

Acreditei que na Europa seria possível construir um futuro comum em que olhássemos para o “outro”, independentemente do seu país de origem, como um igual — hoje já não acredito, ou melhor, acredito que, quando mudarmos o que é hoje um forte sentimento contra migrantes na Europa, voltarei a acreditar.

Tirei um curso de gestão e as aulas de que mais gostei foram aquelas em que os professores nos impeliam a questionar o que estava nos programas e acabei por achar que deveria mudar para sociologia, porque tendo aprendido a fazer, precisava de aprender a razão do porquê de se fazer assim.

Tive a sorte de conhecer amigos fantásticos na universidade e de os ver na vida ativa, cada um à sua maneira, tentar mudar aquilo de que não gostavam para algo melhor, fosse no domínio do setor público ou do setor privado — a maioria de nós ainda não desistiu, mas não se pode dizer que as desilusões não tenham sido também muitas.

No entanto, as tentativas de mudança que poderiam ter sido concretizadas têm também esbarrado nos destroços deixados para trás por quem nos tem dirigido, colocando-nos perante aquilo que aparentam ser dificuldades inultrapassáveis.

As gerações que hoje convivem em Portugal tinham (e têm) o sonho de construir uma vida melhor, mas também tinham a esperança de que aqueles em quem depositavam a sua confiança política fossem capazes de viver à altura da sua esperança. No entanto, uma parte substantiva dos membros das gerações que nos têm dirigido e influenciado a prática política e económica dos últimos 40 anos (as quais incluem as elites académicas, políticas e económicas nacionais) falharam a muitos de nós, deixando-nos cínicos e desiludidos.

Tal como as muitas centenas de cientistas sociais que participaram no processo que deu origem a este livro, escrevo estas linhas na certeza de que, entre nós que hoje ensinamos e investigamos nas universidades e os alunos que a elas vão chegar ao longo dos próximos anos, será possível estabelecer um verdadeiro diálogo transgeracional que nos permita a nós (investigadores e professores) explicar os contextos e escolhas que nos trouxeram até onde hoje estamos e em que os alunos sejam capazes de nos ajudar a compreender qual a melhor forma para seguir a partir daqui.

Como refere um colega e amigo, Jonathan Taplin, o local até onde chegámos neste início de século XXI é uma sociedade baseada na lógica do *winner-takes-all*. Essa é a lógica na economia, na política, nas plataformas do Google ao Facebook, passando pela Uber e Netflix, mas também nas artes — 80% dos *downloads* ou *streamings* têm origem em 1% dos conteúdos. Isso quer dizer que alguns músicos podem hoje ser bilionários, mas o músico médio quase não consegue sobreviver.

O exemplo de Taplin é simples e foca as listas de vendas de música digital, mas poderíamos encontrar paralelismos nas desigualdades de rendimento, riqueza, da concentração económica em quase-monopólios ou da dependência entre política e banca.

Como lembra, também, outro amigo, Manuel Castells, a história tem demonstrado que a comunicação, jornalismo e a arte funcionam como poderosos antídotos contra os perigos da “situação”. Ou seja, os perigos criados por quem nos governa, nos dirige ou gere o nosso consumo e coloca apenas ao seu serviço (e dos seus) aquilo que deveria pertencer a um futuro comum.

Se buscamos uma mudança política e económica, então as artes, a comunicação e o jornalismo podem ser a chave dessa mudança. Artistas, jornalistas e todos os que utilizam a comunicação podem inspirar mudanças culturais, rejeitando o que de negativo existe na política e economia e promovendo uma sociedade mais justa, mais humana e menos desigual.

Daí, que o papel daqueles que hoje estudam as artes, a comunicação ou o jornalismo passe também por olhar, com particular atenção, para a comunicação que nos rodeia e pensar de forma crítica sobre a mesma, nos seus efeitos, nas suas influências, nas agendas promovidas por pessoas, algoritmos ou *bots* e se essas agendas são as que melhor servem os nossos propósitos e metas.

Como começar então essa mudança? As aulas (e não a instituição difusa universidade) são o ponto fulcral da mudança e a forma como as pensarmos e delas fizermos uso ditarão muito do mundo que iremos construir e como poderemos colocar em causa o que de errado existe nas diferentes instituições da sociedade portuguesa.

Que competências precisamos então de desenvolver nas nossas salas de aulas para, em conjunto, nos ajudarem nesse diálogo transgeracional em direção ao progresso social?

Diria que, em primeiro lugar, precisamos de improvisar. É necessário que os alunos desafiem os professores, tal como estes devem encorajar e desafiar os alunos. A ciência e o progresso constroem-se com desafios coletivos — sejam eles ambientais, sociais, culturais, económicos, políticos ou a soma de todos eles.

Improvisar implica tanto coragem como inteligência e quer dizer que, por vezes, se terá de abandonar o tirar notas, ou pensar no já lido, para simplesmente responder com base no que se acha perante as ideias apresentadas nas aulas. São essas competências que nos podem permitir a liderança na mudança.

No entanto, tal como me recordo de ter ouvido há alguns anos numa aula na Harvard Kennedy School, a liderança é mais do que demonstrar coragem e inteligência. Liderar requer também cultivar a vulnerabilidade e a tolerância.

Tal como todos os outros cientistas sociais que participaram neste projeto, não tenho, ou melhor, ninguém tem, todas as respostas. Acho que muito do que temos de fazer passa pela forma como os nossos alunos, e aqueles que estão fora da universidade, forem capazes de partilhar connosco as suas visões.

Mas, a partilha tem também de ser feita intrageracionalmente, pelo que precisamos que nas nossas universidades, nas famílias, no trabalho, na política e nos movimentos sociais, se assuma a mesma vulnerabilidade ante o “outro”, seja ele o

colega, amigo (do Facebook ou dos outros) e, mesmo, o familiar, tratando-os com a tolerância necessária para que todos possamos compreender melhor este nosso mundo em interregno e percorrer um caminho de progresso juntos.

Todas as gerações, normalmente ao contrário de algumas das suas elites (dis)funcionais, acreditam na justiça e igualdade. É sobre essa dimensão comum que podemos aspirar a uma aliança transgeracional em busca de uma nova cultura, economia e política progressistas e de uma esperançosa sociedade.

Apesar da pesada e confusa herança que nos está hoje a ser legada, tanto nas democracias, por decisões populistas radicadas num egoísmo social, como nos regimes autocráticos, que sacrificam ambientalmente o futuro em nome do aumento de um poder ilusório sobre o seu destino, há que começar por algum lado. A leitura deste livro e o seu debate e discussão nas nossas aulas, redes sociais, cafés, comunicação social e salas das nossas casas parecem ser o local ideal para o fazer.

*Gustavo Cardoso*

Professor catedrático de Ciências da Comunicação do ISCTE-IUL  
Membro do Conselho Científico do International Panel for Social Progress